

Introdução

O presente trabalho é um estudo a partir de *Verdade e Método*¹, principal obra do filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002). Ao tomar o fenômeno da compreensão como objeto de sua reflexão, Gadamer deixa claro na introdução desta obra que a hermenêutica² que ele pretende desenvolver não é uma doutrina de métodos das ciências humanas, mas a tentativa de entender o que são na verdade as ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*)³, para além de sua autoconsciência metodológica, e o que as liga ao conjunto de nossa experiência de mundo. Para ele, as ciências humanas contribuem para compreensão que o homem tem de si mesmo e, portanto, adquirem uma valência ontológica que não poderia permanecer sem consequências para a sua autocompreensão metodológica. Ele parte do princípio que a compreensão é o aspecto fundamental do *in-der-Welt-sein* humano. Gadamer pensa a compreensão como um processar histórico sempre efetivo e atuante na vida. Com efeito, a *historicidade* da compreensão é um princípio fundamental para a hermenêutica filosófica, que concebe a compreensão em sua natureza propriamente histórica, como uma consciência dos efeitos da história (*Wirkungsgeschichte*)⁴. Para o filósofo italiano

¹ Gadamer é considerado o expoente da hermenêutica filosófica. *Compreender e Acontecer* seria o título inicial de *Verdade e Método* (1960). Ele propôs ao seu editor Mohr Siebeck como subtítulo: “*Traços fundamentais de Hermenêutica Filosófica*”. Mas, seu editor respondeu que ‘hermenêutica’ era um termo bastante obscuro. O título então foi modificado para *Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*, doravante referido como VM. (GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 1997.) Para Robert J. Dostal, a palavra “método” no título é ambígua e irônica, haja vista que Gadamer nos fornece a noção que verdade é para ser primeiramente entendida como a função de um método rigoroso. In: DOSTAL, Robert J. *Gadamer’s philosophical hermeneutics*, Cambridge University Press, 2002, p.1-2, tradução minha. Na interpretação de Ernildo Stein, existe uma intenção provocativa do título, pois se trata da verdade contra o método já que Gadamer sustenta a premissa que na estrutura das experiências da arte, história e linguagem, é produzido um tipo de verdade incompatível com o método lógico-analítico. STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre hermenêutica*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p.44.

² Hermenêutica é um termo derivado da palavra grega “*hermeneuein*”, que significa interpretar. Refere-se de maneira simbólica a Hermes, mediador e mensageiro, o intérprete da vontade divina.

³ O termo *ciências humanas* significa literalmente em alemão, ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*).

⁴ Uma tradução adequada ao termo alemão *Wirkungsgeschichte*: “história atuante”. Para Gadamer: “*A consciência histórica não é portanto uma postura erudita especial ou condicionada pela visão do mundo, mas sim uma espécie de instrumentação da espiritualidade de nossos sentidos que já*

Gianni Vattimo, é em *Verdade e Método* que se inaugura, no pensamento contemporâneo, “o que passou a ser chamado de ontologia hermenêutica”⁵, tendo como base a influência de seu mestre Martin Heidegger (1889-1976). Portanto, tomar a compreensão como um existencial do *Dasein*⁶, é uma importante premissa heideggeriana, na avaliação de Gadamer. Deste modo, a compreensão para Gadamer tem um *peso ontológico*, na medida em que ela é o modo de ser originário da vida humana mesma, tema abordado em uma de suas conferências ministradas no ano de 1958, no Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Louvain, e publicadas sob o título *O Problema da Consciência Histórica*.

Em sua principal obra, Gadamer põe em discussão a metodologia das ciências humanas (*Geisteswissenschaften*) e da natureza (*Naturwissenschaften*) na busca da verdade, à luz da ciência da hermenêutica. Neste caso, “*as ciências humanas encontram-se mais próximas da autocompreensão humana do que as ciências naturais*”.⁷

No percurso de seu pensamento ele procura descrever o que acontece conosco quando compreendemos, pois ele considera a compreensão um *acontecer* efetivo que sustenta toda a relação com as coisas. Quando Gadamer levanta a questão “*como é possível a compreensão?*”, ele acredita que tal questionamento desdobra-se em implicações filosóficas importantes, já que sua investigação coloca a questão ao todo da experiência humana do mundo e da *práxis* da vida. Neste sentido, Gadamer afirma existir uma afinidade entre a hermenêutica

determina por princípio nossa visão e nossa experiência da arte”. (In: GADAMER, Hans-Georg. *A Atualidade do Belo: A Arte como Jogo, Símbolo e Festa*, tradução de Celeste Aida Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985, p.22, doravante referido como AB).

⁵ VATTIMO, Gianni, *Hermenêutica e Niilismo. O Fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*, tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.109.

⁶ Como sugere a tradução brasileira da obra de Heidegger (*Ser e Tempo*), o termo “presença” e “ser aí”, são algumas designações para o termo alemão *Dasein*. Optamos por manter sua formulação originária: *Dasein*. No quarto parágrafo de *Ser e Tempo, O primado ôntico da questão do ser*, Heidegger classifica a compreensão do ser como um privilégio, pois para ele, esta compreensão do ser, ‘o que está em jogo’, *a compreensão própria, a gente “é” enquanto compreende*. Assim, *O Dasein* é o único ente que a essência é conjunta a existência. Ver: HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução revisada de Márcia Sá Cavalcante Schuback; Posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis, Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2006, §4, p.47-51.

⁷ GADAMER, Hans-Georg. *O Problema da Consciência Histórica*. Tradução de Paulo Cesar Duque-Estrada. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas Vozes, 1998, p.12, doravante referido como PCH.

filosófica e a *práxis*⁸, tema que ele retoma de Aristóteles. Conforme coloca Joel Weinsheimer, a hermenêutica é explicada por Gadamer tendo como base a ética aristotélica, pois a ética, “tal como a hermenêutica, envolve a questão do conhecimento aplicado.”⁹ Para Duque-Estrada, compreensão para Gadamer significa, portanto, “o processo de mútua compreensão que vai se desdobrando ao longo da experiência (*Erfahrung*) de uma vida em comum que, sempre e novamente, se preserva e se projeta para novas possibilidades.”¹⁰

De fato, podemos afirmar que a hermenêutica filosófica abre caminho para novas experiências de verdade, que pode ser revelada em três momentos: o da experiência marcada pelas estruturas ontológicas da arte, o do entendimento histórico e o da linguagem. Assim, um dos temas desenvolvidos por Gadamer na primeira parte de *Verdade e Método*, articulado com a questão da compreensão é o conceito de jogo (*Spiel*), pois ele sustenta que o alcance universal e a dimensão ontológica do jogo não devem ser ignorados. Como premissa de sua investigação acerca do jogo, Gadamer parte da obra *Homo Ludens* (1938), do antropólogo holandês Johan Huizinga (1872-1945)¹¹ e deste modo, a temática do jogo¹² vai se

⁸ Gadamer define o âmbito prático da hermenêutica filosófica fazendo uma relação entre *práxis* com a vida humana como um todo: “‘Práxis’ exprime melhor, como o demonstrou especialmente Joaquim Ritter, a forma de comportamento dos seres vivos, em sua mais ampla generalidade. A práxis, como o ser vivo, está situada entre a atividade e o ‘encontrar-se em um estado ou situação’. Como tal, não está limitada ao homem, que atua exclusivamente por livre escolha (*prohairesis*). Práxis significa melhor realização da vida (*energeia*) do ser vivo, a quem corresponde uma ‘vida’, uma forma de vida, uma vida que é levada a cabo de uma determinada maneira (*bios*). Também os animais tem *práxis* e *bios*, isto é, uma forma de vida.” In: GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*, tradução de Ângela Dias. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983, doravante referido como REC, p.59.

⁹ WEINSHEIMER, Joel C. *Gadamer’s Hermeneutics: A reading of Truth and Method*, Yale University Press, 1985, p.187, tradução minha.

¹⁰ DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. *Limites da Herança heideggeriana: A Práxis na hermenêutica de Gadamer*. Revista Portuguesa de filosofia. A Idade Hermenêutica da Filosofia: Hans-Georg Gadamer. Faculdade de Filosofia de Braga, 2000, p.520.

¹¹ Johan Huizinga tem como objeto de seu estudo o jogo como forma específica de atividade, ‘como forma significante’, como função social. No prefácio de *Homo Ludens* ele afirma: “Já há muitos anos que vem crescendo em mim a convicção de que é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve. É possível encontrar indícios dessa opinião em minhas obras desde 1903. (...) Assim, jogo é aqui tomado como fenômeno cultural e não biológico, e é estudado em uma perspectiva histórica, não propriamente científica em sentido restrito”. HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*, tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004, grifos meus.

¹² Tal temática, também é desenvolvida por Gadamer em Conferência feita em 1974 na Universidade de Salzburgo intitulada: *A Atualidade do Belo: A arte como jogo símbolo e festa (Die Aktualität des Schönen, Kunst als Spiel, Symbol und Fest)*, onde ele afirma ser necessário considerar o jogo “uma função elementar da vida do homem, de tal sorte que a cultura humana, sem um elemento de jogo, é impensável”, AB, p.38, grifos meus.

constituir como fio condutor da explicação ontológica. Como veremos, *jogar e compreender* são elementos intercambiáveis no pensamento hermenêutico de Gadamer. Há no jogo “*uma liberdade tal que nenhum jogo é jogado duas vezes da mesma maneira e apesar dessa variedade é ainda o mesmo jogo*”¹³. O jogo altera expectativas. Entremos no jogo.

¹³ WEINSHEIMER, Joel C. *Idem*, p. 104, tradução minha.